Foto: Altino Machado

Andares

Edson Lodi

Para Hélio Gonçalves

Será o verde a cor do Verbo que a tudo criou?

O calor é quase insuportável em cima da velha camionete que, aos solavancos, avança pela linha 51. A estrada corta a floresta próximo à cidade de Ariquemes, no interior de Rondônia. A cada baque do veículo, provocado pelas saliências das raízes e troncos cortados rente ao solo, aumentam os sacolejos. Essa desconfortável rotina repete-se com imprevisível frequência. A temperatura do chão parece atravessar as tábuas da carroceria, esquentando ainda mais os pés. As sandálias de dedo, de tão ardentes, parecem derreter – mas sem elas seria ainda pior.

Pedro Paulo está ao meu lado. O barulho do motor impede-nos de falar normalmente. Por causa dos solavancos, temos de fazer grande esforço para segurar a travessa de madeira da carroceria, rente à cabine do motorista. Sinto que a qualquer momento vou-me aluir, desabar no piso da camionete.

Além da soalheira, que entra por todos os poros e nos encharca de suor os corpos e vestimentas, tenho de lidar com as náuseas e enjoos que os balanços intermitentes provocam. O ar quente e úmido parece caldear meus pulmões. Procuro manter a calma e evitar a angustiante sensação de vômito, de desmaio.

Às vezes, as vibrações da camionete fazem minhas mãos tocarem a lataria da cabine. Parece que resvalo numa caldeira em movimento. Recolho-as instintiva e imediatamente. Tento sentar na beirada da carroceria, mas a esperança de algum conforto dura pouco. As oscilações aumentam, o calor aumenta, minha resistência diminui. O dia inteiro parece uma ígnea e cambaleante tocha.

Olho para a frente. De ambos os lados, as bordas da floresta estão cheias de espaços vazios. Os tocos das árvores, enegrecidos e carcomidos, parecem fantasmas a evocar como era verde e fecunda a vida ali, outrora. Denunciam a ação devastadora da ganância humana. Pergunto ao Pedro Paulo como é possível entrar em um ambiente como aquele para cortar e retirar árvores tão imensas. Quase gritando, ele responde:

— As árvores são derrubadas por corte com motosserra em sua base. Depois de caídas, usa-se um sistema mecanizado, e são arrastadas até uma estrada de acesso mais próximo, parecida com esta em que estamos. Então são colocadas nos caminhões roteiros por um trator-garra, o Skidder.

A camionete avança pela linha 51 em meio a rebuliços e sobressaltos. Nesse trecho a floresta é mais densa. Estamos sobrevivendo entre o estado que deveria ser de contemplação e concentração mental e um estado de coragem. Minha saúde parece se abalar. Sutilmente, uma dor de cabeça começa a se fazer sentir. De minha fronte, o suor transborda. Todo esse movimento me asfixia, enfraquecendo-me os sentidos. Há outra coisa que me aflige. Quando chegar o momento, terei energia suficiente para colher o mariri e carregá-lo nas costas até à camionete? A carroceria é um engenho de provações a triturar lenta e gradualmente minhas forças.

No limiar da minha resistência, súbito escuto um estrondo. Terá sido uma tromba d'água que se rompeu em algum igarapé ou é a força que estremece minha cabeça, com seu chamado inaudito? Assustado por não saber de onde vem aquele som brusco e inesperado, meu olhar institivamente se volta para a floresta. Algumas árvores estão rente à estradinha. São como sentinelas de uma grande árvore. Esta, com sua copa carregada de róseas flores destacando-se da mata fechada, parece que busca ornar o céu com as alegrias de pássaros em seus ninhos. Pedro Paulo, ao perceber o meu espanto, diz:

— É a Samaúma![1]

A visão da mãe da floresta me acalma. Ela está prenhe de flores e de brancas painas, o ciclo de sua floração está-se concluindo. Sua luz encantadora forma uma moldura inefável, quase invisível, que a distingue de toda vegetação a seu redor.

Bato em cima da cabine. Carlitos, o motorista, para o veículo. Desço. Penetro em outro mundo, o mundo da floresta densa e misteriosa. A luz que emana do sol – cujo disco não se vê – é filtrada pelas copas das árvores. Nem sequer percebo onde principia a sombra, onde se inicia a luz da Criação.

A brisa terna e refrescante, os cantos dos pássaros e as tantas maravilhas lentamente restauram minhas forças. Não sou nada além do sentimento de humildade oferecido pelos meus pés descalços, a pisar o chão úmido e fértil de toda a minha vida.

[1]A Samaúma tem como nome científico Ceiba pentandra.

A floresta descortina-se em verdes prismas. São tantos e todos reverdecem os mais diversos elementos do Reino Vegetal. Alguns verdes são vívidos, outros se debruçam e se desbotam pelas folhas caídas no chão, pelos troncos das árvores. Mesmo os troncos sem vida, deitados na floresta, vão pouco a pouco adquirindo a cor da terra, cobrindo-se de verdes musgos.

Será verde a cor do Verbo que a tudo concebeu?

Em todas as cores, desde a mais alta árvore ao mais pequenino inseto, miro no tempo a força criadora. Contemplo a beleza da natureza com o cristalino de meu olhar em paz. Um casal de araras, a voejar no céu suas asas multicores, lembram-me que existem outros matizes, outros tons de alegrias.

Antes mesmo de chegar embaixo da Samaúma, avisto suas frondosas sapopembas – guardiãs da Rainha da Floresta –, que de tão belas parecem gigantes a dançar suas asas, em volta de seu elevado e robusto caule. Aproximo-me em silêncio. Meu pisar é humilde, descalço. Ando devagar no chão assoalhado pelas rosadas flores. Sou um menino desassustado a ouvir o chamado de sua mãe, para penetrar gentil e amorosamente em seu carinho.

Cuidadosamente, observo uma dessas flores da Samaúma depositadas no chão. Tem cinco pétalas, número que se repete em simetria por todos os seus ramos. Em suas pontas, a cor rosa, quase escarlate, me traz a saudade de um carinho. Próximo à base que as sustenta, tons esbranquiçados, com pontilhados meio rubros, cor de cobre envelhecido, formam umas aquarelas que se assemelham a traços de auroras pardacentas. Em seu verticilo floral, a haste vermelha aveludada, como tons de sangue, deixa transparecer em finíssimos grãos amarelos a preservação de sua espécie vegetal.

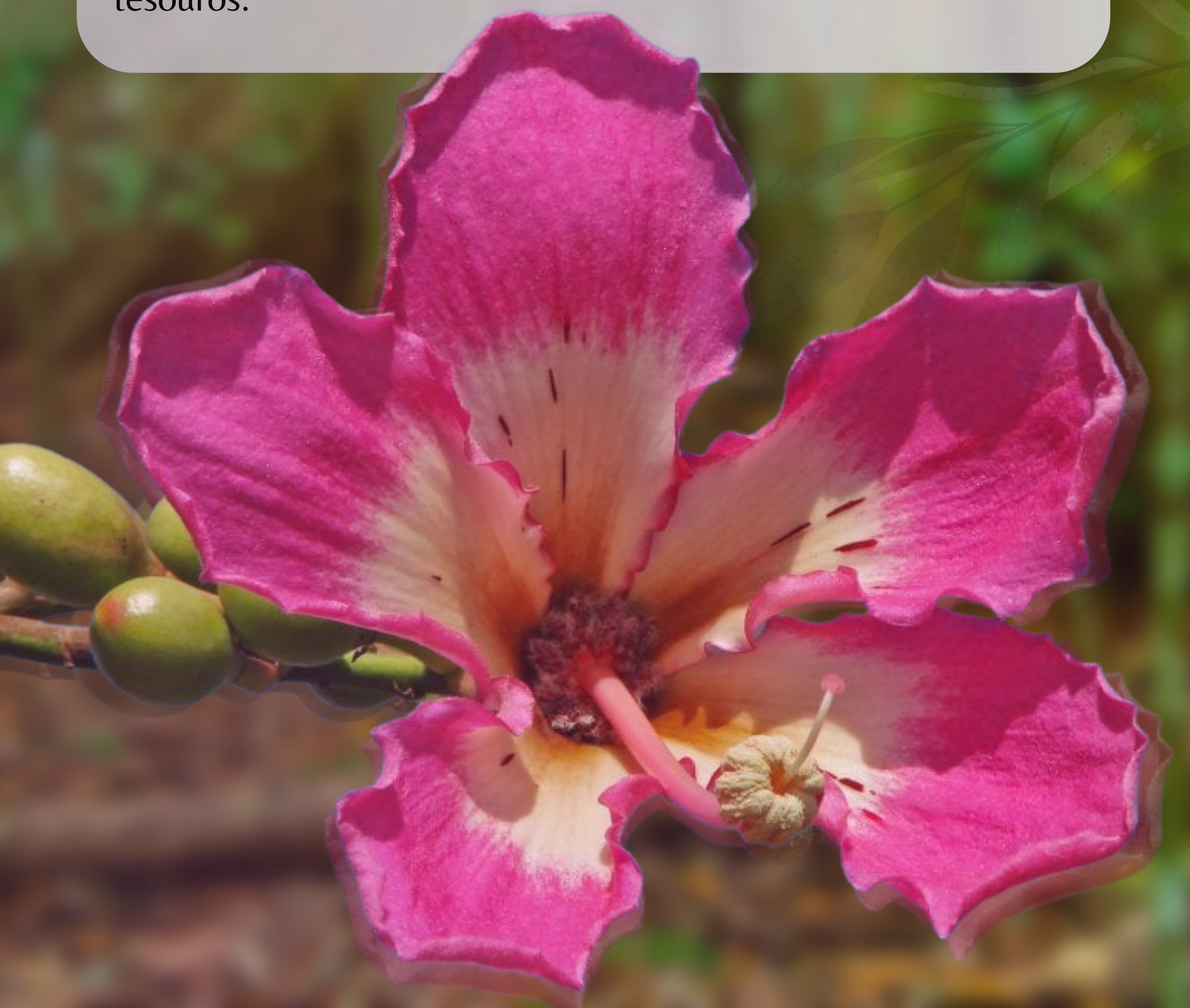
Meu Deus! De repente me dou conta de que miro o dia da Graça em uma flor.

Extasiado, deito-me no chão, entre duas enormes sapopembas daquela árvore, para sempre tão querida em minha memória. Com húmus misturado a algumas painas, faço uma espécie de travesseiro, e nele repouso minha cabeça.

Meu olhar se dirige para o alto, buscando a imensa copa da Samaúma. Atravessa seus galhos, suas folhas, flores e frutos – pendões carregados de delicado algodão. O verde, os tons encarnados de suas flores, o azul e o branco do céu. Que artesão poderia compor a abóboda de aérea porcelana que paira majestosa nesta manhã encantada?

Um perfume adocicado, tão essencial quanto a vida – pássaros carregam potes de mel em seus bicos –, chega ao meu coração. O silêncio permite-me escutar as pétalas, as plainas da Samaúma deitando-se ao chão. Algumas chegam a tocar minha face. Como anjos a roçar suas invisíveis asas, abençoam-me. Encantos, encantos... Este mundo a Deus pertence.

Levanto-me e recolho algumas dessas plainas. São como pedacinhos de nuvem aonde Deus vem repousar suas ideias. A Samaúma, humildemente – como somente as árvores podem ser –, guarda suas pequeninas sementes, seus recônditos tesouros.



Lembrança amiga

Passou-se o tempo, como é próprio de o tempo passar. Com os mesmos olhos de espanto e reconhecimento, dia a dia observei aquelas sementes a romperem devagarzinho – a vida não tem pressa – a terra de Brasília, desfraldando à luz do sol suas hastes verdes, tão brandinhas. Com o tempo – sempre ele à frente de tudo –, cresceram, e suas mudas foram distribuídas para alguns Núcleos da União do Vegetal.

Recordo-me apenas do destino de quatro pequenas mudas daquela grande mãe da floresta. Três foram plantadas em Brasília. Destas, apenas duas sobreviveram, ou melhor – "pior" seria a palavra mais apropriada? –, apenas duas permaneceram com suas raízes fincadas no terreno da Sede Geral. Da mais bonita e altaneira, que sombreava o antigo Chacronal, só restou a saudade para aqueles que a conheceram em sua beleza inofensiva e ouviram os pássaros cantando em suas ramas.

Novamente, o tempo apresenta seus frutos em sua ciranda infinita. Eis que sou convidado a participar da cerimônia de casamento de meu querido amigo Hélio Gonçalves com a querida amiga Ximena, em Goiânia. A cerimônia é realizada sob a copa generosa de uma Samaúma, plantada próximo a um córrego, soberana ao céu[1]. Nascida de uma pequenina semente, recolhida em um momento de profundo êxtase, é a mais bela testemunha, a mais viva lembrança de um dia de luz e de encantamentos. Em seu nobre silêncio, ela serve de moldura para uma amizade entre dois queridos irmãos e para todos os outros que, sensibilizados por sua beleza e maternal servir, são inspirados a amar a natureza e respeitar seus mistérios.

É verde a cor destas lembranças, meu pequeno verbo feito em saudade e gratidão.

Ipatinga, MG. Lua Crescente. Março de 2018

[1] Plantada em julho de 1981, na Chácara Recanto da Paz, em Aparecida de Goiás, por Hélio Gonçalves e Geraldinho. Florou, pela pela primeira vez, no ano de 2015.